

36º Encontro Anual da ANPOCS

GT 27 – Pensamento social no Brasil

A doença nervosa de Mário de Andrade

Robert Wegner

Águas de Lindóia, SP, 21 a 25 de outubro de 2012

## *A doença nervosa de Mário de Andrade*

Robert Wegner\*

Doravante fica-se doente por sentir demais; padece-se de uma solidariedade excessiva com todos os seres vizinhos. Não se é mais forçado por uma natureza secreta, é-se vítima de tudo aquilo que, na superfície do mundo, solicita o corpo e a alma. E por tudo isso se é ao mesmo tempo mais inocente e mais culpado. Mais inocente porque se é levado, por toda a irritação do sistema nervoso, numa inconsciência tanto maior quanto se está mais doente. Contudo mais culpado, e bem mais, uma vez que tudo aquilo a que nos tínhamos apegado no mundo a vida que se levava, as afecções tidas, as paixões e as imaginações que se cultivaram com demasiada complacência, vêm fundir-se na irritação dos nervos, aí encontrando ao mesmo tempo seu efeito natural e seu castigo moral.

Michel Foucault. *A História da Loucura na Idade Clássica*

### *Introdução*

Em 1913, aos quase 20 anos de idade, Mário de Andrade passou por uma crise nervosa. No decorrer de sua vida, o autor faria referências a esta experiência em cartas aos seus amigos mais chegados, como Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Carlos Drummond de Andrade. Em seus depoimentos nota-se a importância deste acontecimento no que diz respeito às suas relações familiares, sua experiência com a doença e a cura, bem como sua identidade como escritor.

Esta apresentação pretende explorar a relação sugerida pelo autor entre sua experiência de adoecimento e o início da carreira de escritor. Desse modo, investigo a formação de identidade de Mário de Andrade a partir do ponto de vista da doença. Para isso, sigo três passos. Em primeiro lugar, analiso a sua experiência de adoecimento, dando especial atenção à morte acidental de seu irmão, Renato, a partir da qual investigo

---

\* Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

o lugar de Mário de Andrade na sua família. Em segundo lugar, a partir dos seus relatos sobre a forma pela qual superou sua crise nervosa, revisito o pensamento médico da época, especialmente o trabalho do psiquiatra Antonio Austregésilo (1876-1960). Em terceiro lugar, também relacionado ao seu processo de cura, pretendo lançar luz a relação de Mário de Andrade com Pio Lourenço Corrêa, a quem chamava Tio Pio e atribuía um papel fundamental na sua recuperação. Finalmente, enlaçando estas pontas, a experiência da doença e da cura, a inserção na família e o contato – e o uso – do conhecimento médico, procuro sugerir alguns aspectos da construção da identidade de Mário de Andrade – e o próprio modo pelo qual o autor pensava a identidade individual e coletiva.

### *1. A morte do irmão e o adoecimento*

Em seu artigo “Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas em São Paulo”, Sérgio Miceli se propõe a “lidar com a etapa de formação familiar e escolar da primeira geração modernista em São Paulo”, salientando, por exemplo, “as principais coordenadas de sua vida afetiva na infância e na primeira mocidade”<sup>1</sup>

Seguindo esta sugestão, pretendo focalizar a vida afetiva de Mário de Andrade na sua juventude, em um evento que remete às tramas familiares e que o leva a uma crise nervosa a que, no decorrer da sua vida, atribuirá grande importância para a definição de seus caminhos. Conforme relata Gilda de Mello e Souza, “a morte do irmão Renato dá-se a 22 de junho de 1913, quando Mario está entrando na casa dos vinte anos e inicia seus cursos de Teoria Musical no Conservatório como aluno praticante”.<sup>2</sup> Segundo a autora, Renato era um “menino extremamente dotado e o predileto da família, teria sido certamente pianista”.<sup>3</sup> A sua morte inesperada, aliada “ao excesso de trabalho e a

---

<sup>1</sup> MICELI, Sérgio. “Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas em São Paulo”. *Tempo Social*. São Paulo, junho de 2004, p167.

<sup>2</sup> MELLO E SOUZA, Gilda de. O arcaico e o moderno: história de uma amizade. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. p.19-20.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

convalescença de ‘um amor besta de adolescência’”, contribuiu para a séria depressão nervosa que então atingiu Mário de Andrade.<sup>4</sup>

Conforme Mário de Andrade escreveria em carta dirigida a Ribeiro Couto anos mais tarde, em janeiro de 1927, “foi Renato o primeiro morto pra mim”. Este evento lhe desencadeou “uma neurastenia negra cheia de fenômenos que muitos nem contei pra ninguém.”<sup>5</sup> Em suas análises da trajetória de Mário de Andrade, Sergio Miceli considera este evento como crucial para a demarcação do lugar do escritor na sua família, bem como para os primeiros passos de sua carreira. Segundo o sociólogo, o evento da morte acidental do irmão veio a exponenciar a dificuldade de inserção de Mário de Andrade no ambiente familiar, pois carregou “a culpa e o sentimento de haver sido como que responsabilizado pela morte, em 1913, do irmão mais moço, [...] o filho paparicado e cheio de atrativos, bonito, louro, ‘inteligente’ e ‘sensível’.”<sup>6</sup>

É o próprio Mário de Andrade quem falava do grande talento do jovem irmão, e da sua proximidade com ele. Na sua carta para Ribeiro Couto, comentava que Renato “era o meu amigo desses tempos e eu nem sabia que adorava tanto assim esse predestinado tirando distinções em todos os seus cursos, inteligência cortante, cabelos claros, um homem com quatorze anos.”<sup>7</sup> Em oposição, nas palavras de Miceli, era Mario de Andrade era “herdeiro, pelas duas avós, dos traços carregados de mestiço”. Sua aparência “avultava ainda mais no círculo familiar, pelo fato de pais e irmãos darem a impressão de terem branqueado”.<sup>8</sup>

É interessante observar que o próprio Mário chega a sugerir o sentimento de culpa pela morte do irmão. Em carta a Ribeiro Couto, após detalhar que “por causa duma brincadeira de colégio meu irmão pouco mais moço que eu caiu, bateu com a cabeça no cimento, houve fratura que ele não percebeu, dias depois uma meningite”, prossegue

---

<sup>4</sup> *Ibidem.*

<sup>5</sup> Carta de Mário de Andrade a Rui Ribeiro Couto. São Paulo, 20 de janeiro de 1927 (Fundo Rui Ribeiro Couto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

<sup>6</sup> MICELI, Sergio. “Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas de São Paulo”. *Tempo Social*. São Paulo, junho de 2004. p.197.

<sup>7</sup> Carta de Mário de Andrade a Rui Ribeiro Couto. São Paulo, 20 de janeiro de 1927 (Fundo Rui Ribeiro Couto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

<sup>8</sup> MICELI, Sergio. “Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas de São Paulo”. *Tempo Social*. São Paulo, junho de 2004. p.197.

confessando que “pensando na contingência dele ficar bobo toda a vida rezei pra Deus que ele morresse e ele morreu.”<sup>9</sup>

Desse modo, conforme sintetiza Miceli, com a morte do irmão mais novo, Mário passou a ser uma “espécie de caçula indesejado”.<sup>10</sup> Com a morte do irmão mais novo, Mário de Andrade passou a ser o caçula que carregava a feiúra, a cor e a crescente orientação para o lado das mulheres, enquanto seu irmão mais velho, Carlos, dedicou-se às “coisas de homem”, interessando-se por política, cursando Direito e se aproximando do pai. Segundo Miceli,

as evidências biográficas disponíveis indicam uma crescente integração sua nos espaços e no ‘partido’ das mulheres da família – a mãe, a tia-madrinha, a preta Sebastiana, às quais veio se juntar a irmã quase dez anos mais nova – , acirrando o relacionamento tenso com o pai e com o avô provedor e, por outro lado, atizando a rivalidade com o irmão mais velho.<sup>11</sup>

Em outubro de 1925, Mário de Andrade relatava em carta a Manuel Bandeira que, “de supetão, em 1913, época de doença grave, que quase me matou, neurastenia aguda devido a excesso de estudos de piano e morte de irmão que eu queria sobre todos, principiei a versificar.”<sup>12</sup> Nesse sentido, podemos pensar a opção de Mário de Andrade pela carreira literária – que, a um só tempo reconfigura seu lugar na família e define sua carreira profissional – como estando ligada ao desdobramento de sua crise nervosa relacionada a morte do irmão.

---

<sup>9</sup> Carta de Mário de Andrade a Rui Ribeiro Couto. São Paulo, 20 de janeiro de 1927 (Fundo Rui Ribeiro Couto. Fundação Casa de Rui Barbosa). Gilda de Mello e Souza sugere que a morte de Renato surpreendeu Mário “na disputa com o irmão” (MELLO E SOUZA, 2009, p.20). Em carta a Manuel Bandeira de 29 de maio de 1931, isto parece estar sugerido: “É verdade que um excesso de trabalho, porque então e justo por causa do mano, que estudava música, eu estava aos pulos fazendo uma pressa errada meu curso de piano no Conservatório, pulando anos, acumulando até nove horas de estudo técnico diário, além das matérias intelectuais de que não largava, eu que sempre tomara bomba no ginásio, o excesso de trabalho certamente contribuiu pra que a morte de meu mano declanchasse em mim o tal estado que até hoje não sei como chamar e fez o desespero dos médicos.” (Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, São Paulo, 29 de maio de 1931).

<sup>10</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. [*Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-45)*], p. 103].

<sup>11</sup> MICELI, Sergio. “Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas de São Paulo”. *Tempo Social*. São Paulo, junho de 2004. p.197.

<sup>12</sup> Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira. São Paulo, 4 de outubro de 1925. In Marcos Antonio de Moraes (Org.). *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2001. p.243.

## 2. Austregesilo e as técnicas de cura

Mário de Andrade considerava a experiência do adoecimento tão marcante que a opção pela literatura não fora a sua única transformação e que, na realidade, teria passado por uma mudança de todo o seu ser. Em carta de 1927 dirigida a Rui Ribeiro Couto, contava: “um dia tive fome. Outro dia tive sono. E estou aqui. O mesmo de dantes não. Estou aqui o Mario de Andrade que vocês conhecem”.<sup>13</sup> Considerava, inclusive, que nunca ficara completamente curado, pois “ficara sempre uma insônia e uma debilidade física que jamais corrigi inteiramente.”<sup>14</sup>

Nesta linha, Mário de Andrade passará a se identificar como um indivíduo “nervoso”, tendo que aprender a lidar pelo restante da vida com os seus “nervos”. Um bom exemplo disso é o papel que atribui ao livro do médico Antonio Austregésilo. Segundo escreve a Ribeiro Couto, “quem me ensinou a dormir palavra que foi Austregesilo com a Cura dos Nervosos.”<sup>15</sup>

Publicado pela primeira vez em 1916, *A Cura dos Nervosos* foi escrito pelo médico Antonio Austregesilo, que costuma ser considerado um dos introdutores da psicanálise no Brasil, ao mesmo tempo em que hoje é considerado o precursor na neurologia no país.<sup>16</sup>

Sobre a psicanálise no Brasil, Sérgio Carrara e Jane Russo, consideram que, “já nos anos 1910 e 1920, teorias psicanalíticas se difundiam através de duas vias principais: de um lado, havia uma difusão ‘leiga’, por assim dizer, tanto entre intelectuais e artistas, quanto entre um público leitor anônimo. De outro, a psicanálise era discutida e divulgada por notáveis integrantes do *establishment* psiquiátrico de então.”<sup>17</sup>

---

<sup>13</sup> Carta de Mário de Andrade a Rui Ribeiro Couto. São Paulo, 20 de janeiro de 1927 (Fundo Rui Ribeiro Couto. Fundação Casa de Rui Barbosa).

<sup>14</sup> *Ibidem*.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> cf TEIVE, Hélio (*et all*). “Professor Antonio Austregésilo: O Pioneiro da Neurologia e do estudo dos distúrbios do movimento no Brasil”. *Arqu.Neuropsiquiatr.* 1999;57(3-B): 898-902.

<sup>17</sup> CARRARA, Sérgio e RUSSO, Jane. “A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras, entre a ciência e a auto-ajuda”. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos.* vol.9(2): 273-90, maio-ago. 2002. p,278.

No primeiro caso, entre o público leigo e de intelectuais, podemos incluir Mário de Andrade como um dos primeiros a terem se interessado e estudado o trabalho de Freud. Conforme Telê Ancona Lopez, Mário teve contato com o trabalho de Freud desde pelo menos 1923, e este veio a constituir uma referência fundamental nas suas análises do folclore.<sup>18</sup>

No caso dos médicos, conforme argumentam Carrara e Russo, “não se pode dizer que a psicanálise penetrou na psiquiatria nacional pela porta dos fundos, muito pelo contrário. Além de Franco da Rocha e Juliano Moreira, outros psiquiatras de renome se interessariam (em diferentes graus) pela psicanálise, utilizando-a em seus trabalhos e expondo-a em suas conferências”.<sup>19</sup> Entre estes estava Antônio Austregésilo. Contudo, este autor, com o decorrer do tempo, “afastou-se da doutrina freudiana, criando uma interpretação bastante pessoal dos distúrbios mentais”.<sup>20</sup>

Isto torna possível que Austregésilo seja, ao mesmo tempo, considerado um dos primeiros autores a introduzir a psicanálise no Brasil e o primeiro neurologista do país. O que importa salientar é que, embora seu livro de 1916 dialogue com Freud quando aborda os “falsos doentes do aparelho genito-urinário”, Austregésilo pondera que, “apesar de sabermos que a esfera genital representa lugar importante na constituição neuropática, [...] creio muito exageradas as doutrinas do sábio neurologista austríaco.”<sup>21</sup>

Portanto, não é à psicanálise que nossa atenção estará voltada e, por isso mesmo, não temos como objetivo retomar as análises que relacionam Mário de Andrade e Freud. O que teremos em vista é analisar como aparece no livro de Antônio Austregésilo o “indivíduo nervoso” e as técnicas de cura sugeridas por ele, e, por sua vez, sugerir possíveis diálogos de Mário de Andrade com este pensamento e, mesmo, o modo pelo qual se identifica como “nervoso”.

---

<sup>18</sup> cf LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. p.105. É interessante observar que, em meio às conversas sobre crises nervosas com seu Tio Pio, Mário de Andrade envia-lhe o livro *Exposição Doutrinária da Psicanálise*.

<sup>19</sup> CARRARA, Sérgio e RUSSO, Jane. “A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras, entre a ciência e a auto-ajuda”. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. vol.9(2): 273-90, maio-ago. 2002. p.278.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> AUSTREGESILO, Antonio. *A Cura dos Nervosos*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1943. p.139.

Segundo Antonio Austregésilo, “as duas forças predominantes do espírito são a *vontade* e a *imaginação*”.<sup>22</sup> Enquanto a primeira origina-se do consciente, a segunda brota do sub-consciente. Quanto as duas forças entram em conflito, “a imaginação vence sempre a vontade”,<sup>23</sup> e o nervoso sofre pela “imaginação doentia”, que faz com que seja “levado a pensar no órgão ou no sintoma automaticamente, e forma isto, bastas vezes, hábito igual ao uso do fumo, do café, ou da morfina”: “pensar nos órgãos e sentí-los quando não há lesão é um vício como outro qualquer”.<sup>24</sup> É a partir desse mecanismo que se dá a ligação entre o mental e o físico, fazendo com que o doente dos nervos sinta-se fisicamente doente ao imaginar que seus órgãos, como o cérebro, o estômago, o intestino, por exemplo, não funcionam bem.

Luiz Fernando Dias Duarte explora esta noção de indivíduo no qual os nervos são fundamentais. Neste caso, o “sistema nervoso” consiste na “mais alta articulação da pessoa, lugar de todos os fluxos necessários entre os centros de comando cerebrais e a periferia corporal, entre os órgãos de sentido e as sedes sensoriais, garantindo a memória, a consciência; enfim, todas as chamadas qualidades superiores.”<sup>25</sup> Desse modo, afirma o autor, “‘força’ e ‘fraqueza’ de fibras ou substâncias, ‘força’ e ‘fraqueza’ de sentimentos ou de caráter enovelam-se em intrincadas rendas de sentido e valorização.”<sup>26</sup> Ou, nas palavras de um contemporâneo de Austregésilo, em artigo sobre “nervosismo” publicado no mesmo ano que *A Cura dos Nervosos*, “a um sistema nervoso bem nutrido e desenvolvido deve corresponder uma personalidade nítida e acentuada.”<sup>27</sup>

Para a reconstituição de um indivíduo nervoso uma personalidade nítida e acentuada, com um sistema nervoso bem nutrido, Antonio Austregésilo propõe que a “base está na educação moral”,<sup>28</sup> que consiste “ou na educação da vontade ou na boa diretriz da imaginação”.<sup>29</sup> Enquanto a vontade, originando-se do consciente, é mais maleável e, assim, pode ser bem dirigida e cultivada, esta intervenção pode provocar mais tensão no indivíduo nervoso. Ou seja, nas palavras do autor, “os grandes esforços da

---

<sup>22</sup> *Idem*, p.159.

<sup>23</sup> *Ibidem*.

<sup>24</sup> *Idem*, p.24.

<sup>25</sup> DUARTE, Luiz Fernando. O nervosismo como categoria nosográfica no começo do século XX. *Hist. Cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2010, vol.17, suppl.2. p.320.

<sup>26</sup> *Idem*, p.317-318.

<sup>27</sup> ROXO, Henrique. “Nervosismo”. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, n.1-2, 1916, p.84.

<sup>28</sup> AUSTREGESILO, Antonio. *A Cura dos Nervosos*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1943. p.64.

<sup>29</sup> *Idem*, p.159.



vontade podem agravar a fobia, o escrúpulo, a dúvida ou a obsessão”.<sup>30</sup> Por sua vez, a imaginação, ainda que menos maleável, pois origina-se do subconsciente, pode ser um caminho mais longo, mas mais seguro para o tratamento dos nervos. Desse modo, segundo Austregésilo,

Os preceitos da auto-sugestão baseiam-se especialmente em educar o subconsciente, ou melhor, a imaginação. [...] Os melhores momentos para praticar a auto-sugestão são a passagem da vigília para o sono, o despertar. O paciente procurará repetir para si, em forma de prece, as idéias sãs, contrárias às idéias doentes.<sup>31</sup>

Assim a reeducação moral pode se dar por meio da psicoterapia, em que o médico pode explicar ao paciente seus “temores psíquicos”. O tratamento moral consiste, fundamentalmente, “em raciocinar calmamente a propósito de cada comoção, escrúpulo, dúvida, ou fobia”.<sup>32</sup>

A própria incorporação do tratamento e de técnicas, as de combate à insônia, por exemplo, fazem parte do que Antônio Austregésilo propunha como “auto-psicoterapia”.<sup>33</sup> Portanto, o livro lido por Mário de Andrade, *A Cura dos Nervosos*, consistia exatamente em uma aplicação prática de sua estratégia. Conforme o autor escreve no prefácio à primeira edição:

Este livro é escrito para os doentes. A linguagem simples, despretenciosa e desataviada de noções científicas de gravidade, está indicando o fito do volume. [...] São conselhos úteis aos pacientes que, às vezes, sofrem muito sem saberem que o remédio está perto deles.<sup>34</sup>

O livro, portanto, consistia em uma caminho para a prática da auto-psicoterapia, quando os “doentes podem por si, com a leitura atenta dos autores que tratem seriamente do assunto, curar-se inteiramente, ao menos muito melhorarem”.<sup>35</sup>

A aproximação de Mário de Andrade em relação ao autor é explicitada ao escrever a Ribeiro Couto que aprendera a dormir por meio da leitura de *A Cura dos*

---

<sup>30</sup> *Ibidem.*

<sup>31</sup> *Ibidem.*

<sup>32</sup> *Idem*, p.65.

<sup>33</sup> *Idem*, p.149.

<sup>34</sup> *Idem*, p.XIII.

<sup>35</sup> *Idem*, p.66.

*Nervosos*. No livro, há um item intitulado “Insônia”, no qual o autor estabelece algumas “regras indispensáveis”, a começar que “o paciente, ainda que não possa dormir, deve ficar na cama”.<sup>36</sup> E sintetiza suas técnicas com a imagem segundo a qual “o sono é como um pombo: vem, se o não procurais; foge, se quereis pegá-lo”.<sup>37</sup>

Além do combate à insônia, as descrições que Mário de Andrade faz de sua doença nas cartas endereçadas aos amigos são muito próximas das descrições feitas por Austregésilo. Tanto o diagnóstico de “neurastenia” como os sintomas correspondem aos que aparecem no capítulo 2 do livro de Austregésilo, intitulado “Os sintomas que mais atormentam os nervosos”.

Em carta de 29 de maio de 1931, Mário de Andrade relata a Manuel Bandeira que “os médicos chegaram a não dar nada mais por mim, médicos de moléstias de nervos e o diabo. Não comia, não dormia e com os sintomas característicos de neurastenia negra, ódio de minha mãe, de todos os meus etc.”<sup>38</sup> No seu livro, Antonio Austregésilo apontava que seus “pacientes acusam-se de indiferença pela família; sentem ausência íntima de amor dos esposos, filhos, e habitualmente contra as pessoas mais caras é que surgem as irritações, os ódios, os caprichos.”<sup>39</sup> Com este cotejo, não pretendo estabelecer uma relação direta entre as cartas de Mário de Andrade e as observações de Antonio Austregésilo.

Na verdade, a partir do trabalho do historiador da medicina, Charles Rosenberg, gostaria de sugerir apenas que o livro de Austregésilo pode ter sido útil a Mário de Andrade para vivenciar a sua doença. Em seu artigo “The Tyranny of Diagnosis”, Rosenberg argumenta que nos últimos dois séculos o “diagnóstico” tem se tornado cada vez mais central na medicina. Uma entidade específica de doença engloba o seu diagnóstico, a prática terapêutica, a formulação de políticas públicas para o seu tratamento e as expectativas e significados sociais atribuídos a ela. Desse modo, para o autor, a articulação e aceitação de entidades específicas de doença constitui um dos mais

---

<sup>36</sup> *Idem*, p.72.

<sup>37</sup> *Idem*, p.73.

<sup>38</sup> Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, São Paulo, 29 de maio de 1931. In MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2001. p.508.

<sup>39</sup> AUSTREGESILO, Antonio. *A Cura dos Nervosos*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1943. p.62.

importantes eventos intelectuais e culturais dos últimos dois séculos.<sup>40</sup> Nesse sentido, gostaria de lançar a hipótese de que a autopercepção de Mário de Andrade como sujeito “nervoso”, identificação que não se esgota na sua crise de 1913, mas perdura nos anos seguintes, como se pode depreender das suas cartas, tem grande importância própria construção da sua identidade.

### 3. Tio Pio e a fazenda

A certa altura de seu livro, Austregésilo aponta para a importância que uma pessoa próxima pode ter no processo de cura do indivíduo nervoso. Para ele, “o paciente tem necessidade [...] de qualquer pessoa que lhe conquiste ascendência moral. Às vezes, a esposa, o irmão, o amigo, o sacerdote ou o clínico são elementos benéficos e indispensáveis para as melhoras e curas”.<sup>41</sup> Não é exagero dizer que, no caso de Mário de Andrade, esta pessoa foi Pio Lourenço Corrêa. Conforme relata Gilda de Mello e Souza,

Em carta a Manuel Bandeira de 29 de maio de 1931 ele relata como foi o bom senso de um tio que o salvou: pegou nele, levou-o para a fazenda em Araraquara, deixou-o lá sozinho, aparecendo de tempos em tempos para saber se não estava precisando de nada e ia-se embora. Quando Mário voltou da fazenda, estava curado. É esta a primeira vez que a mão amiga de Pio Lourenço intervém no seu destino.<sup>42</sup>

Nascido em 1875, Pio Lourenço Corrêa era casado com Zulmira, prima de Mário de Andrade, além de ser extremamente próximo do seu pai, Carlos. A proximidade da família de Mário e a diferença de quase vinte anos de idade, fez com que Mário sempre o trata-se como Tio Pio. A relação com o Tio Pio é cultivada em troca de cartas que se inicia em 1917, aliás o ano de estréia de Mário de Andrade na literatura, com seu *Há uma gota de sangue em cada poema*. Lembrando que Mário de Andrade estabelecia

---

<sup>40</sup> ROSENBERG, Charles. “The Tyranny of Diagnosis: Specific Entities and Individual Experience”. *Milbank Quarterly*. Vol. 80, N. 2: June 2002

<sup>41</sup> AUSTREGESILO, Antonio. *A Cura dos Nervosos*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1943. p.149.

<sup>42</sup> MELLO E SOUZA, Gilda de. O arcaico e o moderno: história de uma amizade. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. p.19-20.

um nexo casual entre sua crise nervosa e ato de versificar, não deixa de ser curioso o fato de que a correspondência com o amigo tenha início com uma dedicatória de Mário de Andrade no exemplar do livro endereçado a Pio, em que escreve: “Não sei se lhe será agradável saber que o seu tribunal é porventura um dos que mais temo”.<sup>43</sup>

Também é curioso observar que a troca de cartas tem início meses após a morte do pai de Mário de Andrade, ocorrida em fevereiro de 1917. Como observa Gilda de Mello e Souza, “dois acontecimentos familiares – duas mortes – foram decisivos na aproximação dessas duas pessoas tão diversas quanto a temperamento, concepção de vida, normas de conduta, preferências intelectuais e artísticas, idéias políticas.”<sup>44</sup>

As cartas prosseguem até a morte de Mário de Andrade, em 1945, formando um conjunto de quase duzentas correspondências, em que aparecem críticas literárias, conversas sobre a língua portuguesa, informações sobre expressões e costumes e solicitações de bibliografia. Depois de quase quinze anos de correspondência, em carta de maio de 1931, ao saldar o tio por seu aniversário, Mario de Andrade se permite explicitar – em um “desabafo saído com toda a espontaneidade e que teve a enorme utilidade de me botar bem no meu lugar” – toda a importância que o amigo assumira em sua vida. Escreve Mário de Andrade ao Tio Pio:

São qualidades suas pra comigo, qualidades que me fizeram buscá-lo, apesar de nossas diferenças de idade e de experiências de vida. [...] Não tem dúvida que o meu espírito se compraz em tudo quanto faz o senhor na sua entidade de minha família, espírito cultivado e práticas de vida; há mesmo uma certa afinidade nas disciplinas pelo menos laterais em que as nossas inteligências se cultivam. Porém se tudo isso já pode justificar e basear uma amizade, não a enobrece propriamente, porque a iguala com as mil e uma realidades mais comezinhas e até físicas da vida. [...] E da mesma forma há circunstâncias e decisões por onde se pode nobilitar uma amizade. E assim a escolha livre do

---

<sup>43</sup> Nota explicativa de Denise Guaranha. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. p.34.

<sup>44</sup> MELLO E SOUZA, Gilda. “O Arcaico e o Moderno: história de uma amizade”. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. p.19. Mário de Andrade compararia sua reação diante das duas mortes em carta de 9 de maio de 1939, endereçada a Sérgio Milliet. Após sofrer “horripelmente” com a morte do pai, “logo me ergui de novo. Não é como o meu irmão que morreu e cuja morte até hoje me faz sofrer” (Carta de Mário de Andrade a Sérgio Milliet, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1939. In DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: EDART, 1971. p.320).

senhor que eu fui buscar e cuja intimidade pedi, se nobilita e com ela a amizade derivada, por serem fenômenos que não se deram por acaso ao léu desta possivelmente longa caminhada da existência, mas por serem fenômenos refletidos, desejados e procurados. [...] Às minha 'loucuras', fantasias, curiosidades, a sua simplicidade sistematizada de ser deu maior paciência, mais precisão de fortificarem-se no estudo; à minha sensibilidade o senhor e sua vida trouxe novos lados, desconhecidos antes, por onde ela se experimentasse e enriquecesse; e finalmente à riqueza milionária das minhas fraquezas veio a sua belíssima e tão nobre atitude moral pôr freios, que uma educação muito imperfeita, mesmo coma as tradições paterna e religiosa, creio que não seriam suficientes para refrear.”<sup>45</sup>

É difícil não deixar de grifar a importância desta notável carta, que, talvez, poderia nos permitir a pensar que a relação de Mário com Tio Pio tenha permitido àquele reconfigurar seu lugar na família, além de ter sido explicitamente crucial para a formação e a construção de identidade de Mário de Andrade. Contudo, sem nos permitir seguir por fascinante, mas incerto caminho, gostaria de retomar a trilha da “doença nervosa” e grifar que Mário de Andrade se referia ao tio a Manuel Bandeira como uma “espécie de neurastênico de profissão”.<sup>46</sup> Seguindo esta trilha pretendo focalizar a relação entre Mário de Andrade e Pio Lourenço a partir desse viés, dessa identificação na doença de “nervos”.

Em texto sobre seu tio-avô paterno, Gilda de Mello e Souza comenta esta faceta de Pio Lourenço:

estudos interrompidos, acomodações de carreira, epidemias e crises políticas, graves problemas familiares, tudo isso deixou marcas na sensibilidade exacerbada de Pio Lourenço e foi provavelmente responsável pelos mal-estares

---

<sup>45</sup> Carta de Mário de Andrade a Pio Lourenço Corrêa, São Paulo, 11 de maio de 1931. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. p.182.

<sup>46</sup> Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, São Paulo, 29 de maio de 1931. In MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2001. p.508.

que o vão acompanhar pela vida afora: ciática, dor de estômago, depressões nervosas, temperamento progressivamente solitário.<sup>47</sup>

Anos depois da primeira crise de Mário de Andrade, já após 1938 e sua saída do Departamento de Cultura de São Paulo, ou seja, já durante nova e profunda crise depressiva do escritor,<sup>48</sup> é Pio Lourenço que fará referência a sua própria neurastenia. E, então, preocupado com as ideias suicidas manifestadas por Mário de Andrade em carta de 1940, lembra, na sua resposta, do conselho de seu médico:

Eu conheço, por experiência, essas equimoses deprimente. Em 1910 e 1911, ia quase sucumbindo, quando um médico amigo (o Dr. Carlos Botelho) me deu esta receita milagrosa: -- 'Não se suicide, este é o único perigo a que V. está exposto; o resto passa'. E passou. E recaí. E passou de novo. E recaio freqüentemente – mas lanço mão da receita que ainda conservo comigo: não me suicido ...<sup>49</sup>

Portanto, é com grande conhecimento de causa e, ao mesmo tempo, da personalidade de Mário, que Pio procura analisar sua nova crise: “dotado de nervos sensibíllissimos, V. recebe os choques e os encontrões da massa humana que o rodeia, e obstrui o caminho, com redobrada violência. A continuidade desses obstáculos, que a todos nos contraria, está fazendo mal a V”.<sup>50</sup>

---

<sup>47</sup> MELLO E SOUZA, Gilda. “O Arcaico e o Moderno: história de uma amizade”. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. p.18.

<sup>48</sup> Sobre esta nova e intensa crise de Mário de Andrade ver MORAES, Eduardo Jardim de. *Mário de Andrade: a morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. Ao tratar dos últimos anos do autor em seu *Mário de Andrade: a morte do poeta*, Eduardo Jardim elenca uma série de cartas em que o autor descreve aos próximos seu estado desde a sua saída do Departamento de Cultura de São Paulo e sua transferência para o Rio de Janeiro. Seu estado remete a muitas das mesmas características que descrevia para sua crise na juventude.

<sup>49</sup> Carta de Pio Lourenço a Mário de Andrade, Araraquara, 12 de abril de 1940. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. p.337. Não é de surpreender que a referência ao combate a ideia de suicídio é uma constante no livro de Austregesilo, que, a certa altura, escreve: “Nenhuma ideia de moléstia deve conduzir-nos ao desejo de morte ou do suicídio; estes anelos ou são interjeições censuráveis, ou fraqueza da alma humana, ou egoísmo. Devemos viver e ter coragem para as estações da existência, isto é, inverno e verão, primavera e outono, que sintetizem os períodos de bom e mau humor, da coragem e dos condenáveis desânimos” (p.30).

<sup>50</sup> Carta de Pio Lourenço a Mário de Andrade, Araraquara, 12 de abril de 1940. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. p.337.

Feito o “diagnóstico”, Pio Lourenço já tem a prescrição e convida Mário de Andrade para passar uns dias em sua fazenda, em Araraquara. Escreve:

Venha cá descansar, tomar fitina, comer ovos frescos, pescar lambaris, ler as *Peregrinações*, escrever artigos em ambiente perfumado de murtas e magnólias, rodeado dos ‘pequenos barulhinhos que constituem o grande silêncio’ e verá desaparecerem, na poeira das estradas do São Frco e do Matão, as equimoses subjetivas que mancham a alma e prejudicam a saúde do corpo.<sup>51</sup>

Na sequência, é a seu médico, Dr Carlos Botelho, que Pio Lourenço se refere e lembra dos seus conselhos para conviver com sua neurastenia, nos idos de 1910. De qualquer modo, não parece demasiado forçado, fazer referência mais uma vez aos conselhos de Antonio Austregesilo, em seu livro de 1916: “aos deprimidos urge repouso, superalimentação, permanência em lugar de campo ou praia, cercado de flores, de árvores, de paisagens alegres. O contato com a natureza é estímulo salutar para a vida e para a cura dos nervosos”.<sup>52</sup>

Como já foi observado, foi na Fazenda Santa Isabel, em Araraquara, que Mário de Andrade recuperou-se da sua crise nervosa de 1913. Em seguida, é a chácara da Sapucaia, nas imediações da cidade de Araraquara, que costumava visitar e que passou muitas de suas férias. Aliás, nunca é demais notar que foi lá, na “chacra”, como costumava escrever Mário de Andrade, que foi escrito *Macunaíma*. De fato, Mário de Andrade costumava associar Sapucaia a “momentos poderosos de criação”. Contudo, no caminho que venho sugerindo nesse texto, vale salientar a ligação entre a chácara e a saúde. Como Mário escreve ao tio já em seus últimos e difíceis anos de vida:

É difícil imaginar o que Araraquara e sobretudo essa chácara representam pra mim. Refortalecimento do corpo, do espírito, férias felizes, refúgio disfarçado de lutas, de dúvidas, de sofrimentos. [...] Ninguém pode imaginar. Araraquara com a chacra da Sapucaia

---

<sup>51</sup> *Ibidem*.

<sup>52</sup> AUSTREGESILO, Antonio. *A Cura dos Nervosos*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1943. p.149.

participam de minha vida e do que eu sou, quase tanto como esta rua Lopes Chaves.<sup>53</sup>

### *Considerações finais*

Tanto a fazenda participava da vida de Mário e fazia parte do que ele era que, em mais de um momento e a mais de um amigo, confidenciou que a cura da sua crise nervosa de 1913 na fazenda do Tio Pio foi determinante para sua identidade de escritor. Na carta escrita a Manuel Bandeira, em 1931, considerava que ficou curado graças ao Tio, mas completava:

Só que voltei poeta da fazenda. Sem nunca ter nem me preocupado em ler com prazer os poetas, já mesmo antes de ir pra fazenda, tinha dado em mim essa coisa esquisitíssima, talvez sintoma de loucura, uma mania de fazer versos. Foi assim.<sup>54</sup>

Contudo, talvez a experiência da doença nervosa não tenha marcado apenas a opção de Mário de Andrade pela literatura, mas esteja presente no próprio desenvolvimento de sua atividade. Ao menos não deixa de ser interessante observar que, no “Prefácio Interessantíssimo”, publicado em 1922, em *Paulicéa Desvairada*, Mário de Andrade elabora suas reflexões estéticas fazendo referência a situações traumáticas, tais como a que ele vivera com a morte do irmão, Renato. Mário de Andrade pergunta ao leitor no prefácio:

“Entretanto: si você já teve por acaso na vida um acontecimento forte, imprevisto (já teve, naturalmente) recorde-se do tumulto desordenado das muitas ideas que nesse momento lhe tumultuaram no cérebro. Essas ideas, reduzidas ao mínimo telegráfico da palavra, não se continuavam, porquê não faziam

---

<sup>53</sup> Carta de Mário de Andrade a Pio Lourenço Corrêa, São Paulo, 13 de julho de 1943. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. p.400.

<sup>54</sup> Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, São Paulo, 29 de maio de 1931. In MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2001. p.508.



parte de frase alguma, não tinham resposta, solução, continuidade. Vibravam, ressoavam, amontoavam-se sobrepunham-se. Sem ligação, sem concordância aparente – embora nascidas do mesmo acontecimento – formavam, pela sucessão rapidíssima, verdadeira simultaneidade, verdadeiras harmonias acompanhando a melodia enérgica e larga do acontecimento”.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> ANDRADE, Mario de. *Paulicea Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922. p.28 [Edição Fac-símile]

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade: 1924-1945*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.
- ANDRADE, Mario de. *Paulicea Desvairada*. São Paulo: Casa Mayença, 1922. [Edição Fac-símile]
- AUSTREGESILO, Antonio. *A Cura dos Nervosos*. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1943.
- CARRARA, Sérgio e RUSSO, Jane. “A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras, entre a ciência e a auto-ajuda”. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*. vol.9(2): 273-90, maio-ago. 2002.
- Carta de Mário de Andrade a Rui Ribeiro Couto. São Paulo, 20 de janeiro de 1927 (Fundo Rui Ribeiro Couto. Fundação Casa de Rui Barbosa).
- DUARTE, Luiz Fernando. O nervosismo como categoria nosográfica no começo do século XX. *História, ciência, saúde - Manguinhos*. 2010, vol.17, suppl.2, pp. 313-326.
- DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: EDART, 1971.
- JUSTINO, Dom. Neurastenia (recentes contribuições ao seu estudo). *História, ciência, saúde - Manguinhos*. 2010, vol.17, suppl.2, pp. 582-585. [Publicado originalmente em *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, n.3-4, 1907, p.388-395]
- LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. O arcaico e o moderno: história de uma amizade. In *Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009. pp.15-31.
- MICELI, Sergio. “Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas de São Paulo”. *Tempo Social*. São Paulo, junho de 2004. p.197.
- \_\_\_\_\_. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2001.

MORAES, Eduardo Jardim de. *Mário de Andrade: a morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

*Pio & Mário: diálogo da vida inteira*. A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917-1945. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: SESC SP, 2009.

ROSENBERG, Charles. "The Tyranny of Diagnosis: Specific Entities and Individual Experience". *Milbank Quarterly*. Vol. 80, N. 2: 237–260, June 2002

ROXO, Henrique de Brito Belford. Nervosismo. *História, ciência, saúde - Manguinhos*. 2010, vol.17, suppl.2, pp. 654-668. [Publicado originalmente em *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, n.1-2, 1916, p.73-106]